

*A imagem de Malinche pelas crônicas da conquista espanhola do México (século XVI)**

MARIA EMÍLIA GRANDUQUE JOSÉ**
Universidade Estadual de Campinas

Resumo: A proposta desse breve artigo é analisar os relatos produzidos sobre a conquista espanhola do México no século XVI, com a intenção de perceber qual a imagem que os diferentes cronistas construíram sobre a Malinche. Mais especificamente, o objetivo é assinalar de que maneira ela foi vista e retratada pelos muitos textos produzidos na época, a partir de sua atuação como intérprete de Cortés. Buscaremos mostrar que em meio à narrativa da vivência dos espanhóis nessas terras, dos contatos com diferentes povos e dos acontecimentos que levaram à conquista, Malinche aparece como personagem expressiva em boa parte das crônicas produzidas sobre esse assunto.

Palavras-chave: Malinche; Conquista espanhola do México; Século XVI; Cronistas.

Abstract: The purpose of this brief article is to analyze the narratives produced about the Spanish conquest of Mexico in the sixteenth century, with the intention of realizing what image the different chroniclers built on Malinche. More specifically, the objective is to signal how she was seen and portrayed by many reports produced at the time, from his role as interpreter of Cortes. We will seek to show that amid the narrative of the experience of the Spaniards in those lands, contacts with different people and the events that led to the conquest, Malinche appears as a significant character in much of the chronicles produced on this subject.

Keywords: Malinche; Spanish conquest of Mexico; Sixteenth century; Chronicles.

* Artigo submetido à avaliação em 26 de março de 2013 e aprovado para publicação em 29 de abril de 2013.

** Maria Emília Granduque José é mestre em História pela UNESP - *campus* de Franca e atualmente é doutoranda em História pela UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Leandro Karnal, e bolsista FAPESP. O artigo apresentado é parte da dissertação de mestrado. A pesquisa atual de doutorado tem como tema “A *vista* e o *oído* como formas de narrar a história da conquista espanhola no século XVI”. Contato: mimihildita@hotmail.com.

Conhecida como a indígena que serviu de intérprete aos conquistadores espanhóis durante o diálogo com os povos locais na região mexicana e como importante aliada nos caminhos tomados até Tenochtitlán, centro do poder mexica e destino final do grupo liderado por Hernán Cortés, Malinche aparece de maneira expressiva nas páginas produzidas pelos cronistas sobre a história da conquista no século XVI. Sua figura ganhou boa memória na *Historia verdadera de la conquista de Nueva España* (1568) escrita pelo soldado espanhol Bernal Díaz del Castillo e na *Historia de Tlaxcala* (1584) do mestiço Diego Muñoz Camargo, obras que destinaram um capítulo inteiro para tratar de seu passado. Também a *Historia general de las cosas de Nueva España* (1575) escrita por frei Bernardino de Sahagún e a *Crónica Mexicana* (1598) composta pelo mestiço Hernando Alvarado Tezozomoc a mencionaram de forma considerável em meio às numerosas páginas que narram o universo indígena e a conquista espanhola. Na *Historia de la conquista de México* (1552) é notável sua presença na descrição elaborada pelo clérigo Francisco López de Gómora e, de forma menos intensa, aparece duas vezes nas *Cartas de Relación* (1519-1526) redigidas por Cortés, para ficarmos com os principais relatos que abordaram sua figura nesse período. Ainda é possível encontrar breves citações sobre Malinche na *Historia de las Indias* (1559) de frei Bartolomé de Las Casas e, se adiantarmos o passo para o século XVII, também veremos mais referências a ela nos escritos de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl.

Embora apresentada com mais veemência por uns e com menos detalhes por outros, o fato é que a imagem de Malinche tem seus primeiros contornos feitos a partir da *pluma* dos muitos cronistas que viram e ouviram falar sobre sua participação na conquista. Considerando que esta indígena não deixou suas memórias por escrito, pelo menos nunca se soube de nada que lhe fosse atribuído, o que temos em mãos sobre ela são as impressões desses diferentes testemunhos que compuseram em seus relatos os olhares pessoais e as percepções particulares decorrentes desse momento. De maneira mais clara, a Malinche conhecida das crônicas é uma personagem

construída pela escrita desses cronistas nos anos seguintes ao domínio espanhol na região do México.

O esforço desse breve artigo é justamente mostrar como um conjunto de textos que se preocupou em narrar os passos dados pelos espanhóis nas terras americanas, por ocasião da conquista desse Novo Mundo, relacionou para seus leitores a atuação da intérprete de Cortés ao descrever alguns dos atores que estiveram presentes nesse evento. Em meio aos escritos sobre o encontro com os povos locais, as alianças firmadas e também os embates resultantes desse contato, Malinche aparece citada no momento em que se integrou ao grupo dos espanhóis até o desfecho vitorioso desses últimos e a organização colonial da região do México.

Nessas linhas, interessa saber qual o retrato que se fez sobre a Malinche no contexto da conquista, já que sua imagem se modificou com o tempo e adquiriu nova cara conforme as necessidades e aspirações de cada época. Longe de percorrermos os séculos e mostrarmos como esta personagem ganhou outros sentidos, tornando-se a traidora da pátria mexicana no início do XIX¹, nossa análise busca mostrar uma Malinche, nem mais verdadeira e nem menos verdadeira, mas aquela descrita pelos cronistas quinhentistas de acordo com a visão de mundo compartilhada pela época.²

¹ A historiadora Cristina González Hernández explica que “la formación de la “leyenda negra” de la Malinche es, pues, un largo proceso directamente relacionado con el establecimiento de la idea de nación, que, haciendo de la conquista su punto central, convierte Malintzin en la principal protagonista, o por mejor decir, en la principal culpable de la destrucción del mundo prehispánico”. GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. *Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana*. Madrid: Encuentro, 2002, p. 42.

² Nessa questão, nos orientamos pelas referências teóricas do historiador Paul Veyne, para quem as coisas ganham significação dentro de uma época. Assim, se “em uma certa época, o conjunto das práticas engendra, sobre tal ponto material, um rosto histórico singular [...], em uma outra época, será um rosto particular muito diferente que se formará no mesmo ponto, e, inversamente, sobre um novo ponto, se formará um rosto vagamente semelhante ao precedente”. VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: UNB, 1998, p. 268-269.

De nobre a escrava, de escrava a intérprete

Em linhas gerais, boa parte dos relatos que retrataram a participação da Malinche no processo da conquista espanhola do México indicam sua origem nobre e a condição livre antes de se tornar escrava e mercadoria de troca ou regalo dos povos de Tabasco. Seu passado e o modo como chegou até o grupo de Cortés apresentam, no entanto, discrepâncias quando comparamos as muitas versões sobre sua vida. De acordo com o cronista Diego Muñoz Camargo (2001, p. 185), “há variedades em seu nascimento e de que terra era” nos diferentes relatos elaborados pelos autores que estiveram na conquista, motivo que o levou a tratar somente de “alguns passos e acontecimentos em relação a ela, porque os que têm escrito sobre as conquistas desta terra trataram longamente disso [...]”. Bernal Díaz, (1999, p. 148) por sua vez, afirma que Malinche era natural de Painalla e foi entregue ainda criança aos índios de Xicalango por sua própria mãe que, depois de se tornar viúva, contraiu novo matrimônio. O cronista comenta que após o nascimento do primeiro filho, esta decidiu desfazer-se de Malinche para que o novo herdeiro não tivesse com quem dividir o *cacicado* e os vassalos. Assim, Malinche foi dada a um povo e depois considerada morta no lugar da filha de uma escrava que de fato havia falecido, justificativa encontrada por sua família para explicar seu desaparecimento.

A interpretação de Bernal Díaz sobre esse fato encontrou respaldo no reencontro posterior de Malinche com sua mãe e o meio irmão em Guazacualco, quando a indígena já estava no grupo espanhol atuando como intérprete. Tal cena é narrada pelo cronista com as seguintes palavras: “a mãe de dona Marina e seu irmão por parte de mãe, Lázaro, [...] tiveram medo dela, e acreditaram que foram chamados porque havia ordem para matá-los [...]”, mas Malinche os consolou dizendo que “[...] quando a deram aos índios de Xicalango não sabiam o que faziam, e por essa razão, os perdoava [...]” (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999, p. 149). Uma outra história é contada por Diego Muñoz (2001, p. 185) ao sugerir que Malinche foi roubada de seus pais

“[...] por ser de muita graça e boa aparência, depois entregue a uns mercadores que tratavam em toda a costa do norte, que a levaram até Tabasco, Potonchan e Acosamilco”. O mesmo cronista ainda revela outra hipótese de que Malinche era filha de um mercador e que, por ser *hermosa*, foi levada pelo pai para essas regiões com a intenção de fazer dela a esposa de algum cacique. A primeira explicação de Diego Muñoz, no entanto, aparece na crônica de Francisco López de Gómora no momento em que descreve Malinche em diálogo com Cortés:

Marina, que assim se chamava depois de cristã, disse que era de Xalisco, de um lugar dito Viluta, filha de pais ricos e parentes do senhor daquela terra; e que quando moça foi roubada por certos mercadores em tempos de guerra, que a levaram para vender na feira de Xicalango, que é um grande povo sobre Cozacualco, não muito distante de Tabasco, e de ali, foi levada ao poder do senhor de Potonchán (LÓPEZ DE GÓMORA, 1979, p. 46).

Passagens como essas, nos mostram que era comum as narrativas cronísticas divergirem umas das outras quanto ao assunto tratado, pois havia interesses diferentes por cada classe de cronista e, sendo a crônica o resultado de um testemunho pessoal, a percepção dos fatos variava sobre um mesmo tema. Ainda que nessa época o conhecimento era compartilhado como bem comum³, ou seja, os cronistas liam e copiavam uns aos outros, motivo pelo qual encontramos nas crônicas interpretações semelhantes sobre determinado fato, a escrita se dava a partir da visão e dos interesses particulares de cada autor. De par com isso, havia o componente de informação oral que estava fortemente presente nesse momento e que

³ Para Ramón Iglesia, estava dentro do critério da época a consideração de que as fontes eram patrimônio comum, de modo que os cronistas liam-se uns aos outros durante a composição de suas crônicas. IGLESIA, Ramon. *Cronistas e historiadores de la conquista do México*. México: Biblioteca de la ciudad de México, s/d, p. 203.

contribuía ainda mais para que houvesse discordâncias entre uma versão e outra.⁴

Dessa forma, o que vigora, portanto, na totalidade dessas descrições é que Malinche estava entre os índios de Tabasco na ocasião em que foi dada a Cortés junto a outras dezenove mulheres que integravam um botim de guerra oferecido aos conquistadores. Como acordo de paz depois da derrota sofrida para os espanhóis, o envio de presentes que integrava o botim – plumas, pepitas de ouro, vestimentas e outros acessórios – incluía mulheres de linhagem nobre que eram doadas para selar a amizade e produzir herdeiros, e as demais utilizadas como escravas para cuidar dos soldados feridos, cozinhar, costurar e servir de companheiras amorosas.⁵ Foi nessa condição que Malinche, depois de passar por diferentes povos e ter contato com uma grande variedade linguística⁶, chegou até Cortés para os meses de 1519 e passou a fazer parte do grupo dos espanhóis. Na visão dos cronistas, o conhecimento dos idiomas falados pelas gentes dessa região e a habilidade com as palavras, fez dela uma importante aliada para a comunicação entre Cortés e os demais nativos.

De acordo com os relatos mencionados, era um grande anseio desse conquistador encontrar um intérprete capaz de auxiliá-lo nos diálogos travados com os povos locais e que fosse confiável, já que os dois primeiros tradutores citados por Bernal Díaz, Melchorejo e Julianillo, mostraram-se

⁴ Em uma sociedade de iletrados, em que o domínio da leitura e da escrita era privilégio de uns poucos, a oralidade ocupava um evidente protagonismo na circulação de notícias e informações sobre a conquista. Segundo, Fernando Bouza, as imagens e as vozes eram os meios para “crear, transmitir y fijar el recuerdo de afectos, ideas y noticias tan bien o incluso mejor que los impresores”. BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito*. Una historia cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons, 2001, p. 22.

⁵ De acordo com Margo Glantz, boa parte das mulheres que pertenciam ao botim de guerra serviam para “[...] resolver necesidades domesticas y cotidianas, esto es, la comida y el sexo”. GLANTZ, Margo. Doña Marina y el capitán Malinche. In: GLANTZ, Margo (Org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001, p. 115.

⁶ “Posiblemente hablaba no sólo náhuatl y maya, lo cual es una simplificación, y a la postre castellano, como comúnmente se asume, sino variedades de estas lenguas; incluidas las modalidades francas de las mismas, así como desde luego algunas formas locales del maya chontal y de las variedades nahuas de Veracruz. FLORES FARFÁN, José Antonio. La Malinche, porta voz de dos mundos. *Revista Estudios de cultura Náhuatl*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, número 37, 2006, p. 130.

ineficazes para a função, e o espanhol Jerónimo de Aguilar, que vinha exercendo o cargo, era limitado por saber unicamente a língua maia:

Tudo isso se havia feito sem língua, porque Jerónimo de Aguilar não entendia esses índios, que tinham uma linguagem muito diversa da que ele conhecia; motivo pelo qual Cortés estava cuidadoso por faltar-lhe *farante* para entender-se com aquele governador e saber das coisas daquela terra [...] (LÓPEZ DE GÓMORA, 1973, p. 46).

Nessa época, a figura do intérprete ocupava um lugar importante entre os europeus, que se serviram de tradutores desde as primeiras incursões na América, e entre os nativos, que utilizavam indivíduos falantes de outro idioma para comunicar-se nesse grande mosaico linguístico que era a América⁷. O aparecimento de Malinche serviu, nesse caso, para viabilizar a comunicação, selar alianças e promover a negociação entre Cortés e os povos contatados. Além do conhecimento do náhuatl, a língua “que corre em esta Nueva España e na maior parte do Novo Mundo” segundo Diego Muñoz (2001, p. 83), Malinche também entendia o discurso elaborado e a evocação das palavras apropriadas conforme a idade, o gênero e a posição social do interlocutor. Na visão dos cronistas, o passado nobre de Malinche explicava seu domínio destes recursos linguísticos que deveriam ser empregados durante o diálogo com os líderes nativos. A título de exemplo, Francisco López de Gómora conta que após negociar com os senhores de Tlaxcala por meio da intersecção de Malinche, Cortés logrou um acordo proveitoso e uma aliança favorável contra Montezuma.

Além disso, Malinche também transmitia certa confiança na função de intérprete, já que as diversas informações adquiridas chegavam com muito mais segurança e clareza do que os dados anteriores recolhidos pelos primeiros tradutores utilizados pelo conquistador. A grande maioria dos

⁷ GIFRE, Emma Martinell. *La comunicación entre españoles e índios: palabras y gestos*. Madrid: Mapfre, 1992, p. 153.

nativos adquiridos para servir de *lengua* não era fiel às palavras ditas por Cortés e, menos ainda, às palavras proclamadas pelos senhores locais. Muitas são as passagens em que esses intérpretes desviavam as mensagens, distorciam as informações, confundiam e induziam ao erro durante o processo de tradução. Pelo modo como a maioria desses nativos era aliciada para servir como guias e intérpretes, através de raptos ou aprisionamento pelos espanhóis, possivelmente a ação de enganar era a forma que encontraram para escapar de tal função. No entanto, as falhas na comunicação decorriam ainda da incompreensão da maneira como cada grupo se expressava, fato que levou muitos a se entenderem unicamente por gestos, mímicas e sinais, como nos mostra o seguinte trecho da *Historia de las Indias*:

Traziam nos narizes pedacinhos de ouro, fato que levou o Almirante a perguntar-lhes, por sinais, onde havia mais daqueles; responderam, não com a boca, mas com as mãos, porque as mãos serviam aqui de língua, segundo o que se podia entender [...] (LAS CASAS, 1986, p. 211).

Os habitantes da América quase nada se assemelhavam aos povos anteriormente vistos pelos europeus, como mouros e judeus, de modo que a diferença cultural e linguística era um problema que se colocava para o estabelecimento da relação com os indígenas. Nem Cortés e seus companheiros puderam entender a língua e os jogos de palavras utilizados por esses povos que, da mesma forma, pouco compreendiam da fala e dos valores impostos pelo lado espanhol. As palavras circulavam no vazio pela falta do idioma comum e de uma semelhança cultural capaz de promover o entendimento. Nessa condição, a função desempenhada pelo intérprete – permitir o diálogo, informar caminhos e até mesmo promover a negociação – , era relevante nesse contexto. Como temos visto, a cooperação de Malinche como “excelente e boa língua” (DÍAZ DEL CASTILLO, p. 149) supriu a barreira da linguagem, possibilitou um diálogo mais eficaz e, ao lado de Aguilar, realizou a ponte comunicativa para o prosseguimento da conquista.

O círculo comunicativo da conquista: Malinche e Jerónimo de Aguilar

Logo que se tornou uma das intérpretes dos espanhóis, Malinche passou a dividir esta função com Jerónimo de Aguilar, porque conhecia as línguas locais mas não falava o castelhano para conversar diretamente com Cortés. Desse modo, falava em náhuatl com os indígenas, reproduzia as conversas em maia para Aguilar que, por sua vez, declarava em castelhano para o conquistador.⁸ A atuação desses personagens viabilizou a passagem direta de um idioma para o outro até tornar possível o entendimento mútuo dos grupos falantes: “E como Malintzin não sabia mais do que a língua mexicana, a de Vilotla e a de Cozumel, falava com Aguilar e o Aguilar declarava em língua castelhana [...] até que Malintzin veio a falar a nossa” (MUÑOZ CAMARGO, 2001, p. 188). Abordar o que as crônicas nos contam sobre a Malinche é entender, portanto, como se desenvolveu esse processo comunicativo que parece ter funcionado bem na conquista do México e que permitiu um contato maior entre esses diferentes grupos culturais.

O aprendizado do maia por Jerónimo de Aguilar se deu após um naufrágio que o fez passar oito anos como cativo em Yucatán. Resgatado pelo grupo de Cortés, passou a ser o principal tradutor por conseguir transpor para esquema linguístico espanhol o sentido correto das palavras indígenas. Se antes as frases ditas se perdiam na longa cadeia idiomática percorrida, alterando o significado original da informação, com a mediação de Aguilar os diálogos se tornaram mais fluidos e melhor compreendidos ao restringir as conversas entre ele, Cortés e os líderes locais. De outro modo, Aguilar representava os mesmos interesses e propósitos dos conquistadores, já que partira para o Novo Mundo a serviço do rei, mostrando-se o fiel aliado que Cortés tanto buscava para prosseguir com seus planos colonialistas. Mas

⁸ Para Georges Baudot, “la pareja que había de realizar la conquista y producir su discurso político quedaba constituida definitivamente”. BAUDOT, Georges. Malintzin, imagen y discurso de mujer en el primer México virreinal. In: GLANTZ, Margo (org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001, p. 77.

saber unicamente o maia o tornava indispensável até certo ponto, pois Cortés necessitaria, a cada caminho percorrido, de um falante das demais línguas nativas. Tal função, como sabemos, foi exercida por Malinche com o auxílio desse mesmo Aguilar, como descreve Bernal Díaz:

E estando nisso, vendo Cortés, perguntou a dona Marina e Jerónimo de Aguilar, nossas línguas, de que estavam agitados os caciques desde que vieram aqueles índios, e quem eram. E dona Marina, que muito bem entendeu, contou-lhe o que se passava; [...] disse ser os arrecadadores do grande Montezuma e que vieram a ver porque causa nos recebiam nesse povo sem licença de seu senhor [...] e Cortés consolou os índios para que não tivessem medo, que ele estava ali com todos nós e que os castigariam [...] (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999, p. 167).

De acordo com esse cronista, a chegada dos mensageiros de Montezuma questionando a visita dos espanhóis sem permissão foi motivo de grande receio entre esses indígenas. Cientes de que haviam desobedecido às regras por não comunicar a presença dos espanhóis naquele povoado, os índios de Cempoal mostraram-se aflitos com a certeza da punição. Percebendo o que se passava através da interpretação de Aguilar e Malinche, Cortés viu a chance de adquirir mais aliados na conquista diante desta situação. Com o auxílio das *lenguas*, acalmou os nativos garantindo protegê-los de uma provável repressão e, em seguida, determinou o aprisionamento dos mensageiros e declarou a todos os caciques “[...] que não lhe dessem mais tributos nem obediência a Montezuma, e que assim o dissessem em todos os povoados aliados e amigos” (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999, p. 168).

Ao que parece, a lição demonstrada com a prisão dos mensageiros tinha como finalidade desafiar o poder vigente e tornar pública tal afronta, já que o interesse era conquistar o apoio de um grande número de índios. Para os cronistas, uma atitude exitosa, porque Cortés firmou “[...] liga e amizade com mais de trinta povoados das serras, que se diziam os totonaques, que

então se rebelaram contra Montezuma e deram obediência a Sua Majestade” (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999, p. 170). Ao que parece, a relevância do círculo comunicativo montado pela dupla de intérpretes garantiu a conquista da informação nesse episódio e nos demais que o seguiram, permitindo a Cortés traçar os contornos da conquista do México a partir de uma base de aliados. A união dos intérpretes Aguilar e Malinche representou, segundo Bernal Díaz (1999, p. 150), um “[...] grande princípio para nossa conquista; e assim nos faziam as coisas, louvado seja Deus, muito prosperamente”.

Tal acontecimento de Cempoal descrito acima e os outros que o prosseguiram, como o de Tlaxcala, mostram a atuação do intérprete como importante para que Cortés chegasse a Tenochtitlan, local onde se concentrava o poder de Montezuma e as riquezas buscadas pelos espanhóis. Foi num episódio posterior, no entanto, encenado em Cholula, que os intérpretes exerceram uma participação ainda mais destacada ao revelarem a secreta conspiração liderada pelos nativos contra os conquistadores. De acordo com os cronistas, Malinche descobriu a trama ao falar com uma índia, denunciou a Aguilar e juntos trataram de informar antecipadamente a Cortés. Ciente da armadilha tramada, os espanhóis repreenderam esse povo de maneira violenta e inesperada. Nesse caso, mais uma vez a comunicação contribuiu para o lado dos espanhóis e a participação de Malinche foi notável na escrita dos cronistas.

Malinche, Malinalli, Doña Marina, Malintzin: a intérprete de Cortés

Em geral, nessa série de relatos que temos apresentado, embora diferentes no que se refere aos assuntos e aos interesses contidos, a imagem produzida sobre Malinche é favorável por sua atuação como intérprete na conquista. Esta é a impressão dada pelo cronista Diego Muñoz Camargo (2001, p. 183), quando considerou Malinche “*hermosa* como uma deusa, porque falava a língua mexicana e a dos deuses, que por ela se entendiam o

que queriam, e que se chamava Malintzin, e quando a batizaram, passou a se chamar Marina”. Em outra passagem, destacou-a como alguém “[...] de muito ser e valor e bom entendimento” (2001, p. 185). De forma semelhante, Bernal Díaz (1999, p. 185) conferiu-lhe boa imagem ao enxergá-la como “excelente mulher” e “um instrumento de tanto bem” para os espanhóis. As referências a ela, embora mais tímidas em alguns relatos, produziram um retrato destacado nas cenas em que exercia seu papel como tradutora de palavras e principal interlocutora entre espanhóis e os nativos americanos.

Apresentada por Bernal Díaz como “entremetida y desenvuelta”, adjetivos que a classificaram como esperta e que se intrometia nos eventos, Malinche proporcionava, por essa razão, uma maior agilidade nas negociações feitas entre Cortés e os senhores locais. De acordo com as descrições desse mesmo cronista, esta intérprete era peça importante no jogo de palavras proclamadas, sobretudo depois de aprender o castelhano e reduzir o papel de Jerónimo de Aguilar nos círculos comunicativos. Por ela, passavam os diferentes discursos de índios e espanhóis nas conversas realizadas, posição que a colocou em contato com os planos de Cortés, com as queixas dos inimigos de Montezuma, com a fala dos sacerdotes – já que mediava a comunicação entre religiosos e nativos no processo de conversão –, e com os muitos personagens que estavam presentes nesse contexto.

Nessas linhas, a imagem construída pelas crônicas é de uma intérprete bem vista aos olhos desses participantes e que ocupou um lugar destacado no espaço da conquista. Vejamos como o cronista Hernando Alvarado Tezozomoc (2001, p. 473-474), nas páginas de sua *Crónica mexicana*, descreve a reação de Montezuma ao saber da atuação de Malinche traduzindo os diálogos proferidos por Cortés: “Ficou Montezuma admirado de ver a língua de Marina falar em castelhano e mexicano e *cortar la lengua*, segundo informaram os mensageiros ao rei Montezuma, que ficou admirado e espantado”. A expressiva presença de Malinche entre conquistadores e indígenas é ainda mais sentida quando aparece à frente de Cortés e em diálogo direto com Montezuma, o “mais temido, reverenciado e adorado

senhor que no mundo houve e em sua linhagem” (MUÑOZ CAMARGO, 2001, p. 216). Uma imagem descrita nas crônicas e repetida nos códices mexicas, que representaram Malinche posta entre Cortés e Montezuma em certas cenas ou posta de forma isolada no centro, como se ela mediasse toda a comunicação.⁹

É ilustrativo o trecho da *Historia general de las cosas de Nueva España*, em que Malinche aparece nessa posição, gerenciando o diálogo entre Cortés e o sucessor de Montezuma, Cuauhtemoctzin, como nos mostra o cronista Bernardino de Sahagún (1988, p. 861):

A índia que era intérprete, que se chamava Marina, ficou perto do capitão e da outra parte, o senhor do México Cuauhtemoctzin. Como estiveram juntos os três senhores de México, Tetzcuco e Tlacupa, com seus principais diante de *don* Hernando Cortés, mandou a Marina que lhes dissessem onde está o ouro que haviam deixado no México.

Nas cenas finais da conquista, como esta que retrata a busca pelo ouro do México depois da morte de Montezuma, a intérprete aparece em boa parte das páginas das crônicas como intermediária na comunicação e inserida nesse círculo de relação em que atuaram os senhores principais. Em uma outra passagem, agora narrada por Bernal Díaz (1999, p. 175), vemos Malinche em cena na rendição de Montezuma como peça importante para o acordo:

[...] Montezuma viu nossos capitães como aborrecidos, e perguntou a dona Marina o que diziam com aquelas palavras altas; e como dona Marina era muito entendida, lhe disse: “Senhor Montezuma, o conselho a ir logo ao seu aposento e sem ruído nenhum; que eu sei que eles o darão muito honra, como grande senhor que é, porque de outra maneira, se permanecer será morto [...]”.

⁹ BROTHERSTON, Gordon. La Malintzin de los códices. In: GLANTZ, Margo (Org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.

Ao considerar Malinche “muito bem entendida”, esse cronista sugere que a intérprete estava ciente de que a submissão de Montezuma era o melhor desfecho, conduzindo, por isso, a negociação para esse fim.¹⁰ Tal fato deve ser considerado para pensarmos qual lugar essa intérprete ocupou na conquista. Como temos visto, Malinche traduzia, interpretava, falava, negociava, tornava possível a circulação das informações, delatava armadilhas, indicava caminhos e, de acordo com Bernal Díaz, participava de decisões. A imagem que se construiu dela é de que estava quase sempre presente nos muitos episódios da conquista e que foi personagem conhecida entre os diferentes participantes desse evento.

Talvez por essa condição, Bernal Diaz a tenha chamado, a partir de determinada altura de seu relato, por *doña* Marina, designação repetida por outros cronistas. O nome Marina apareceu após o batismo cristão e substituiu seu nome de origem Malinalli. O constante tratamento por *doña* Marina, para além de demarcar seu passado nobre, sugere um certo respeito nutrido pela intérprete de Cortés. Tanto na hierarquia social espanhola como na indígena, o vocativo *don* ou *doña* eram referências utilizadas unicamente às pessoas pertencentes à nobreza.¹¹ Na explicação do cronista Bernardino de Sahagún (1988, p. 603-604), as mulheres descendentes de nobres na organização indígena do México eram caracterizadas como pessoa “magnífica e que em tudo mostra sua nobreza”. Entre os povos da região mexicana, o equivalente ao título *doña* ocorria pela utilização do sufixo “tzin” no final do nome, o que alterava Malinalli para Malintzin:

¹⁰ Segundo Matthew Restall, “na cultura asteca, a linguagem do discurso cortês apresentava um elevado nível de desenvolvimento. Dentro desse gênero, o único estilo que poderia ser empregado na presença de Montezuma seria o *tepillahotli* (discurso senhoril), em que as palavras náhuatl são carregadas de prefixos e sufixos reverenciais e as frases são formuladas segundo os princípios da inversão e do discurso indireto”. RESTALL, Matthew. *Setes mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006, p. 175.

¹¹ INOUE OKUBO, Yukitaba. Crônicas indígenas: una reconsideración sobre la historiografía novohispana temprana. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (Org.). *Indios, mestizos y españoles - Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007, p. 78.

[...] é necessário fazermos relação desse princípio de Marina, que pelos naturais foi chamada Malintzin e tida como deusa em grau superlativo, que assim se deve entender, porque as coisas que acabam em diminutivo é por via reverencial e entre os naturais usado com grau superlativo [...] (MUÑOZ CAMARGO, 2001, p. 185).

Em decorrência de uma incompreensão fonética por parte dos espanhóis, que trocaram o som “tzin” pela “ch” espanhola, o nome *Malintzin* acabou sendo modificado para Malinche. Ao lado de *doña Marina*, a denominação *Malintzin* é, contudo, a que mais aparece nas referências dos cronistas.

A impressão passada pelas crônicas de que Malinche era expressiva na conquista e que por isso foi assim descrita encontra ainda mais força se atentarmos para o modo como Cortés passou a ser chamado nesse contexto.¹² De acordo com Bernal Díaz, os nativos agregaram o nome de Malinche com o de Cortés, tornando o conquistador conhecido por Capitão Malinche. É assim que pela primeira vez, o nome do conquistador é modificado para receber o nome de sua intérprete, nos termos em que nos conta esse mesmo cronista:

Antes de passar adiante quero dizer como em todos os povos por onde passamos, ou em outros onde tinham notícia de nós, chamavam Cortés Malinche, e assim, o nomearei daqui em diante Malinche em todas as práticas que tivemos com quaisquer índios (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999, p. 202).

Tal união pelo mesmo nome é um indício de que Cortés e Malinche estiveram juntos nos acontecimentos americanos, como confessa o próprio

¹² “El conquistador Hernán Cortés pasa a ser el capitán Malinche para todos los textos producidos por el discurso amerindio de la conquista, y para todos los interlocutores políticos amerindios del transcurrir mismo de aquella conquista. Pierde su identidad, se integra por el nombre en el juego dialéctico de aquella fascinante mujer que produce y distribuye la palabra creadora de Historia”. BAUDOT, Georges. *op. cit.*, p. 78.

conquistador em sua quinta *Carta de Relación*: “Marina, a que eu sempre tenho trazido comigo” (CORTÉS, 2003, p. 388). É isso que Bernal Díaz (1999, p. 202) reitera, quando explica que “[...] a causa de tê-lo posto este nome é que, dona Marina, nossa língua, estava sempre em sua companhia, especialmente quando vieram embaixadores ou práticas de caciques [...]”. De certa forma, “emprestar” seu nome a Cortés pode ser um indício de que a intérprete desfrutava de algum prestígio entre as gentes americanas e os próprios espanhóis.

As considerações que temos feito nessas poucas páginas nos permitem vislumbrar a imagem que os relatos da época construíram sobre os passos dados pela intérprete principal de Cortés. Por eles, é possível saber de que forma a Malinche foi vista e descrita pelos diferentes personagens que dividiram com ela o palco da conquista, e também, como se desenrolaram os acontecimentos que tiveram como peça importante a comunicação e o entendimento claro desses dois grupos que se enfrentaram nessa *Nueva España*.

Referências

- ALVARADO DE TEZOZOMOC, Hernando. *Crónica mexicana*. Madrid: Dastin, 2001.
- BAUDOT, Georges. *La vida cotidiana en la América Española en tiempos de Felipe II*. Siglo XVI. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- _____. Malintzin, imagen y discurso de mujer en el primer México virreinal. In: GLANTZ, Margo (org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.
- BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito*. Una historia cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons, 2001.
- BROTHERSTON, Gordon. La Malintzin de los códices. In: GLANTZ, Margo (org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.
- CORTÉS, Hernán. *Quinta Carta de Relación*. Madrid: Dastin, 2003.

- DEL PRIORE, Mary. Imagens da Terra Fêmea: a América e suas mulheres. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Madrid: Castalia, 1999.
- FLORES FARFÁN, José Antonio. La Malinche, porta voz de dos mundos. *Revista Estudios de cultura Náhuatl*, n. 37, 2006.
- GIFRE, Emma Martinell. *La comunicación entre españoles e indios: palabras y gestos*. Madrid: Mapfre, 1992.
- GIMENEZ CABALLERO, Ernesto. *Las mujeres de América*. Madrid: Editora Nacional, 1971.
- GONZALBO AIZPURU, Pilar. De huipil o terciopelo. In: GLANTZ, Margo (org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.
- GONZÁLES-HERNÁNDEZ, Cristina. *Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana*. Madrid: Encuentro, 2002.
- GLANTZ, Margo. La Malinche: la lengua en la mano. In: GLANTZ, Margo (org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.
- _____. Doña Marina y el capitán Malinche. In: GLANTZ, Margo (org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.
- _____. Las hijas de Malinche. In: GLANTZ, Margo (org.). *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001.
- GRUNBERG, Bernard. Las relaciones entre Cortés y sus hombres y el problema de la unidad en la conquista de México (febrero 1519 – agosto 1521). *Revista de Índias*, Coleção 43, número 171, 1983.
- IGLESIA, Ramon. *Cronistas e historiadores de la conquista de México*. México: Biblioteca de la Ciudad de México, s/d.
- INOUE OKUBO, Yukitaba. Crónicas indígenas: una reconsideración sobre la historiografía novohispana temprana. In: LEVIN ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico. (org.). *Indios, mestizos y españoles - Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007.
- KARTTUNEN, Frances. *Between worlds. Interpreters, guides and survivors*. New Jersey: Rutgers University Press, 1994.

- LAS CASAS, Bartolomé de. *Historia de las Indias*. Venezuela: Ayacucho, 1986.
- LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. *Historia de la conquista de México*. Venezuela: Ayacucho, 1979.
- MADARIAGA, Salvador de. Hernán Cortés. In: *Ocho vidas de conquista*. Madrid: Ediciones Castilla, 1952.
- MUÑOZ CAMARGO, Diego. *Historia de Tlaxcala*. Madrid: Dastin, 2001.
- PERÉZ CANTÓ, Pilar. Las españolas en la vida colonial. In: CANTÓ, Pilar Peréz; ORTEGA, Margarida; LAVRIN, Asunción. (org.). *Historia de las mujeres en España y América Latina*. Madrid: Cátedra, 2006.
- PIZARRO, Ana. Introducción. In: PIZARRO, Ana (org.). *Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales*. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993, v. 1.
- RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza, 1988.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SERNA, Mercedes. *Crônicas de Índias*. Madrid: Cátedra, 2000.
- SOUSTELLE, Jacques. *A civilização asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- VENTURA, Maria da Graça A. Mateus. Mulheres nas Índias Ocidentais – escrita e ausência. In: SANTOS, Maria Clara Curado. (org.). *A mulher na história*. Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher. Portugal: Câmara Municipal da Moita, 1999-2000.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- WACHTEL, Nathan. Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina*. América colonial. São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1.